

VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS AFRICANAS E INDÍGENAS: CONSTRUINDO UM CURRÍCULO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL¹

Katia Regina de Sá,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG)

RESUMO

Este relato descreve e analisa uma experiência de ensino com turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado sobre jogos das culturas africanas e indígenas. As produções dos estudantes revelaram aprendizagens no sentido da desconstrução da hegemonia eurocêntrica e da construção de saberes relevantes para uma sociedade que luta para se livrar do preconceito, discriminação e da desigualdade resultantes dos processos de colonização e escravidão que fazem parte da nossa história.

PALAVRAS-CHAVE: currículo; relações étnico-raciais; decolonialidades.

Este relato descreve e analisa uma experiência de ensino com seis turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado (EMI), desenvolvida em um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE). A proposta curricular de Educação Física do campus apresenta a cultura corporal de movimento como seu objeto de estudo, contempla as diversas práticas corporais nos planos de ensino, aborda as relações étnico-raciais como uma das dimensões de estudo de tais práticas e se compromete com a valorização dos conhecimentos pertencentes aos grupos não hegemônicos a fim de que os alunos possam compreender e validar a diversidade cultural corporal.

As diretrizes institucionais do IFMG e o projeto pedagógico do campus apresentam poucas orientações sobre as relações étnico-raciais. O currículo em ação supera as orientações institucionais no sentido de atender o que preconiza a Lei no 11.645/08 e busca reconhecer a necessidade de “desconstruir o mito da democracia racial; adotar estratégias pedagógicas de valorização da diferença; reforçar a luta antirracista e questionar as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 32). Ao reconhecer esta necessidade o coletivo escolar pode construir currículos orientados por outras lógicas “diferentes da lógica dominante eurocêntrica, além de pôr em

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

debate a descolonização epistêmica” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 38). Os currículos de Educação Física podem superar a colonização epistêmica ao questionar “o privilégio das manifestações culturais de origem euro-estadunidense, brancas e com fortes raízes cristãs e masculinas, em detrimento de outros referenciais” (NEIRA, 2019, p. 33).

Saberes de diversas culturas são contemplados nas aulas de Educação Física. As turmas estudaram jogos, brinquedos e brincadeiras (JBB) das culturas africanas e das culturas indígenas, durante 8 semanas, por meio pesquisas, aulas expositivas-dialogadas, registros individuais e trabalhos em grupo. Os grupos foram orientados pela professora, que também disponibilizou textos e vídeos para ampliação das fontes de estudo e aprofundamento teórico. Ao longo das aulas foram garantidos tempos e espaços para problematizações, discussões, reflexões, vivências e ressignificações a respeito dos conteúdos estudados.

O tópico JBB das culturas africanas foi iniciado com o vídeo da Chimamanda Adichie sobre “O perigo da história única” a fim de desconstruir estereótipos sobre a África e estimular os estudantes a pesquisarem conhecimentos para além daqueles produzidos pelos grupos hegemônicos. Na impossibilidade de vivências corporais coletivas, o tempo que era destinado a tais experiências foi utilizado para inserir um novo material de estudo – a série “Sankofa: a África que te habita”. Ao assistir a série cada grupo de trabalho buscou conhecer um pouco mais sobre a cultura de um dos nove países africanos abordados na série e mapeou as manifestações da cultura corporal apresentadas no episódio do referido país. Num momento posterior eles acessaram o livro “Mancalas e tabuleiros africanos: contribuições metodológicas para educação intercultural” (CUNHA, 2019) como uma das referências para a produção dos trabalhos dos grupos, que consistia em escolher um dos jogos apresentados no livro, pesquisar sobre seu país de origem, aprender como se joga, apresentar para a turma e ensinar os colegas a jogar. Entre os jogos pesquisados pelos grupos destaca-se: Oware; Achi; Dara; Yoté; Bolotoudou; Borboleta; Felli, entre outros. O conjunto de referências acessadas provocou estudos e discussões que resultaram numa ressignificação das culturas africanas e no fortalecimento entre os estudantes dos sentimentos de identificação, pertencimento e valorização em relação às mesmas.

No tópico JBB das culturas indígenas os estudantes começaram os estudos assistindo o episódio “Guerras da conquista” da série “Guerras do Brasil”. O objetivo foi desconstruir o discurso que caracteriza os povos indígenas como primitivos, além de reforçar a crítica à

história única de descobrimento da América contada pelos colonizadores. Em seguida os estudantes leram o livro “O amanhã não está à venda” de Ailton Krenak (2020) a fim de acessarem uma amostra de saberes produzidos pelos povos indígenas. O passo seguinte foi estudar alguns textos do livro “Brincar, jogar e viver – IX Jogos dos povos indígenas”, organizado por Pinto e Granado (2009) como uma das referências para a produção dos trabalhos em grupo, que tinha como objetivo ampliar os conhecimentos sobre os jogos indígenas e suas modalidades a partir de uma imersão na história e cultura dos povos indígenas e dos seus saberes ancestrais. Os grupos produziram trabalhos sobre as modalidades integrantes dos Jogos do Povos Indígenas, tais como: Arco e flecha; Cabo de força; Canoagem; Corrida de tora; Jikunahati; Arremesso de lança; Ronkrân; Luta corporal, e Zarabatana.

Os estudantes foram orientados a registrarem em seus portfólios as aprendizagens produzidas a partir das aulas de Educação Física. A maioria dos estudantes manifestou em seus relatos aprendizagens no sentido da desconstrução da hegemonia eurocêntrica e da valorização dos saberes das culturas africanas e indígenas. Muitos deles manifestaram reações de surpresa ou espanto ao acessarem os saberes produzidos pelos povos indígenas e africanos. Eles identificaram heranças culturais africanas como os tambores e movimentos do jongo, a gestualidade da capoeira, as mancalas e jogos de tabuleiros, os ingredientes da culinária, a religiosidade e os festejos. Os estudantes ficaram encantados com os saberes ancestrais indígenas, com as habilidades corporais demonstradas nos Jogos dos Povos Indígenas e com a valorização da celebração que permeia este evento. Também houve um grande número de relatos inconformados com o acesso tardio a tais conhecimentos. Foram identificados 28 relatos nos quais os estudantes afirmaram que os conhecimentos acessados nas aulas de Educação Física provocaram mudanças significativas no modo de ler e entender o mundo, provocando efeitos diretos em suas próprias vidas. As produções dos estudantes indicaram que os mesmos foram provocados no sentido de ressignificar o olhar para as questões étnico-raciais, que são um dos pilares para a promoção e difusão de uma educação antirracista (GERMANO, 2020).

Ao citar as heranças da população afro-brasileira, Martins (2021, p. 159) argumenta que “se a fala foi restrita pelo sistema colonial e precisou ser contida, o corpo deu um jeito de se destacar como memória”. Este relato aponta a importância e as potencialidades de trazer à

tona no currículo da Educação Física esta memória que resiste e se expressa nas práticas corporais produzidas pelos povos ancestrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes demonstraram elevado interesse nas experiências de ensino relatadas e revelaram importantes ressignificações no sentido de contribuir para a redução do preconceito e do racismo na sociedade. Esta experiência de ensino aponta a necessidade de discutir as relações étnico-raciais para além de componentes curriculares isolados e buscar o engajamento do coletivo escolar em torno de projetos transdisciplinares para que a temática seja abordada com a devida profundidade e valorização. Outro apontamento refere-se à importância do componente curricular Educação Física para a formação dos estudantes do Ensino Médio, evidenciada em seus relatos. Por meio do estudo das práticas corporais foi possível construir saberes relevantes para uma sociedade que luta para se livrar do preconceito, discriminação e da desigualdade resultantes dos processos de colonização e escravidão que fazem parte da nossa história.

VALUING AFRICAN AND INDIGENOUS CULTURES: BUILDING AN ANTI-RACIST AND DECOLONIAL CURRICULUM

ABSTRACT

This report describes and analyzes a teaching experience with first-year Integrated High School classes about games from African and indigenous cultures. The students' productions revealed learning in the sense of deconstructing Eurocentric hegemony and building relevant knowledge for a society that struggles to get rid of prejudice, discrimination and inequality resulting from the processes of colonization and slavery that are part of our history.

KEYWORDS: curriculum; ethnic-racial relations; decolonialities

VALORACIÓN DE LAS CULTURAS AFRICANAS E INDÍGENAS: CONSTRUYENDO UN CURRÍCULO ANTIRACISTA Y DECOLONIAL

RESUMEN

Este informe describe y analiza una experiencia docente con las clases de primer año de la escuela secundaria integrada sobre juegos de culturas africanas e indígenas. Las producciones de los estudiantes revelaron aprendizajes en el sentido de deconstruir la

hegemonía eurocéntrica y construir conocimientos relevantes para una sociedad que lucha por deshacerse de los prejuicios, la discriminación y la desigualdad resultantes de los procesos de colonización y esclavitud que forman parte de nuestra historia.

PALABRAS CLAVES: currículum; relaciones étnico-raciales; descolonialidades

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **O Perigo da História Única**. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt>. Acesso em: 29 de junho de 2021.

CUNHA, Débora A. **Mancalas e tabuleiros africanos: contribuições metodológicas para educação intercultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2019.

GERMANO, Vitor A. C.; SOARES Dandara C. Educação antirracista? Uma análise nos periódicos de educação física (2014 a 2020). **Temas em Educação Física Escolar**, v. 5, n. 2, jul./dez. 2020, p. 126 - 138.

KRENAK, Ailton A. L. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, B. R. Diversidade Cultural, descolonização e educação [física] antirracista. **Rev. Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, p. 154-164, 6 mar. 2021.

NEIRA, Marcos G. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2019.

OLIVEIRA, Luiz F.; CANDAU, Vera M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Ed. em Revista**, v. 26, n. 1, p.15-40, 2010.

PINTO, Leila M. S; GRANDO, Beleni S.(Org.). **Brincar, jogar, viver: IX Jogos dos Povos Indígenas**. Cuiabá: Central de Texto, 2009.

SANKOFA – a África que te habita. Direção: Rozane Braga. Produção: FBL Criação e Produção. Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81350302>. Acesso em: 29 de junho de 2020.